

A HISTÓRIA DE
MATILDE



Solicite nosso catálogo completo, com mais de 350 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita - iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

Edição e distribuição

EDITORA EME

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari-SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 99983-2575 📞 | Claro (19) 99317-2800 | Tim (19) 98335-4094
vendas@editoraeme.com.br - www.editoraeme.com.br

DINEU DE PAULA

PELO ESPÍRITO
BERNARDO

A HISTÓRIA DE
MATILDE
ROMANCE MEDIÚNICO

Capivari-SP
- 2017 -

© 2017 Dineu de Paula

Os direitos autorais desta obra são de exclusividade do autor.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

1ª edição - dezembro/2017 - 5.000 exemplares

CAPA | André Stenico

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO | Marco Melo

REVISÃO | Rubens Toledo

Ficha catalográfica

Bernardo, (espírito)

A história de Matilde | pelo espírito Bernardo;
[psicografado por] Dineu de Paula - 1ª ed. dez. 2017 -
Capivari-SP: Editora EME.

248 p.

ISBN 978-85-9544-039-5

1. Romance mediúnico. 2. Múltiplas reencarnações. 3. Lei de causa e efeito.

I. TÍTULO.

CDD 133.9

DEDICATÓRIA



Para Ruth, que não desistiu de mim.

SUMÁRIO



Prefácio	9
Prólogo.....	11
Capítulo I	
Rapto	15
Capítulo II	
Prisioneira	25
Capítulo III	
Dilema de Matilde	39
Capítulo IV	
Adeus às ilusões	49
Capítulo V	
Um chamado	59
Capítulo VI	
Arnoldo e Antônio	67
Capítulo VII	
Irene	75

Capítulo VIII	
Delação	81
Capítulo IX	
Plano de fuga e morte	91
Capítulo X	
Vingança	103
Capítulo XI	
Angélica	121
Capítulo XII	
Órfão de pais vivos	129
Capítulo XIII	
Luto e separação	137
Capítulo XIV	
Por orgulho	147
Capítulo XV	
Devedores da Lei	155
Capítulo XVI	
Num passado mais remoto	171
Capítulo XVII	
Inveja, ambição	177
Capítulo XVIII	
Chantagem, desprezo e dor	185
Capítulo XIX	
Rugas antigas	203
Capítulo XX	
Almas em redenção	213
Capítulo XXI	
No tribunal da consciência	229
Capítulo XXII	
Do Invisível	245

PREFÁCIO



BERNARDO, ESPÍRITO BONDOSO e evoluído, narra neste romance experiências de entes que com ele dividiram seus caminhos em encarnações pretéritas.

Com isso, pretende fazer um alerta aos que ainda se deixam levar pela busca equivocada do prazer por meio da satisfação de instintos primários.

Evidencia que o apego ao poder e a prática de subjugação, vingança e fugas do dever mediante subterfúgios aparentemente fáceis apenas conduzem a equívocos e se resumem a prazeres fugazes e insólitos.

Jesus pregou com ênfase que só o amor verdadeiro pode trazer paz, e que homens, mulheres e crianças têm igual direito a dignidade e respeito.

Bernardo começa seu relato no ano 1.470 da era cristã, mostrando que, tantos anos após a vinda do Messias, muito pouco havia sido assimilado da mensagem que ele trouxe aos habitantes do planeta.

Esse relato objetiva levar os leitores à reflexão de que o

prazer obtido mediante atos inescrupulosos é efêmero. Que somente a disposição em seguir os ensinamentos trazidos pelo Mestre pode levar à conquista da real paz e felicidade. Ao seguir caminho inverso, o sofrimento é inevitável, gerando a seu tempo arrependimento e tormento. Isso sem falar em uma demora significativa na conquista da paz que a evolução traz.

O modo como o livre-arbítrio é exercido revela-se fundamental para que o caminho rumo à redenção e à paz interior seja trilhado com maior ou menor rapidez. Porém, o encontro com o divino é inevitável e está reservado para cada um dos filhos do Altíssimo.

No correr da narrativa, é fácil identificar que Arnaldo, por resistir ao bem, insistindo em desfrutar prazeres primários, experimenta muitos sofrimentos em sua trajetória.

O autor pretende levar os leitores a refletirem sobre a forma como conduzem seus passos nesta caminhada terrena. Isso para que se deem conta de que o Evangelho de Jesus é a bússola que conduz os irmãos a seguirem com paz e resignação rumo à felicidade plena a que são destinados.

**Espírito Irmão Justus,
pela médium Ilda Garcia Kolling**

PRÓLOGO



O TEMPO PASSOU, os séculos rolaram, e jamais esqueci a figura alegre da pequena Matilde.

Era filha do oleiro Jonas e gostava muito de crianças. Tinha belas faces rosadas, pequenos olhos azuis muito alegres, e sua figura rechonchuda inspirava imediata simpatia.

Desde pequena, sempre externou uma alegria contagiante, possuindo uma natureza completamente feliz. Trabalhava com a família, mas gostava mesmo era de cuidar de crianças.

Nos domingos e dias de guarda, era comum vê-la passeando de mãos dadas com praticamente todas as crianças do lugar, a quem conduzia e divertia de forma incansável.

Matilde também era devota, mas de um jeito peculiar: sua alegria não condizia com a frieza da religiosidade da época. Ela gostava de cantar no coral e de enfeitar a igreja com as flores que cultivava e que colhia pelos campos.

Havia quem a considerasse meio tola, por seu sorriso sempre afixado no rosto e sua disposição para ajudar quem dissesse dela precisar. Mas era impossível não gostar de

Matilde, não se alegrar com sua presença ou com sua simples passagem.

Eu amava Matilde.

Sempre que a via passar, enquanto arava o campo, sentia uma fraqueza estranha, um aperto no peito. Eu era mais pobre do que ela, e talvez seu pai tivesse outros planos para a filha. Por vezes, tomava a coragem de lhe falar, sentindo-me desajeitado.

Aliás, desajeitado eu era mesmo, em meus 18 anos de sofrida vida no campo e nenhuma instrução.

Matilde também às vezes parava para falar comigo, quando passava. Eu me sentia então o mais feliz dos homens e sonhava com nosso casamento. Imaginava a felicidade que seria viver com Matilde e ter filhas que saíam à sua feição, com a mesma alegria contagiante.

Um dia, decidi que a abordaria, pois tinha um medo terrível de que se tornasse a prometida de outro. Mas nesse mesmo dia de domingo, a cavalaria passou por nosso vilarejo.

Matilde passeava de mãos dadas com as crianças, com flores nos cabelos, quando o tumulto começou. Ela tentou proteger as crianças, fugir com elas para a floresta, mas não foi rápida o suficiente. Um homem mal-encarado, com ar de comandante, viu a figura querida da risonha Matilde e a perseguiu.

Eu a tudo assisti, sem nada poder fazer. Enquanto a tragédia ocorria, com o vilarejo sendo devastado pela soldadesca cruel, precisei ajudar três meninas pequenas que choravam desesperadas. Foi o dia mais triste da minha vida.

Após esconder as três crianças, corri gritando atrás da cavalaria, disposto a morrer para salvar Matilde, mas foi em vão, pois os cavalos logo se distanciaram. E eu fiquei chorando no meio da estrada.

Ela se fora para sempre, levada pela cavalaria, sabe-se lá para qual destino.

Nunca mais veríamos sua figura alegre, nunca mais ouviríamos seus risos e canções. No altar da igreja, suas flores não mais estariam.

Eu vivi assombrado por aquela lembrança e pelo desejo intenso de saber o que fora feito dela.

Agora, após tanto tempo, não sou mais um campônio bronco.

Desvendo o éter cósmico, para nele ler a história da menina que amei.

Esta é a história de Matilde.

RAPTO



MATILDE ACORDOU TARDE naquele domingo e espreguiçou-se gostosamente na cama.

Estava feliz, muito feliz. Sonhara que o eleito de seu coração se declarava. Um sorriso preguiçoso iluminava seu semblante suave e ela refletia: será? Será que o jovem ruivo, tímido como ele só, tomaria coragem para se declarar? Não sabia o que fazer para encorajá-lo. O rapaz ficava com as faces coradas sempre que conversavam. Então, ele parecia ter dez braços e vinte mãos, sem saber onde colocar nenhum deles.

Matilde ria, antecipando um momento que esperava havia longo tempo.

Saiu da cama e logo tratou de ajeitá-la, pois era muito meticulosa. Abriu a janela, deparou-se com um dia lindo, com céu azul límpido, não obstante a brisa fria que soprava.

Ficou ainda mais contente, pois poderia passear com as crianças após o almoço. Ela adorava crianças: eram a sua paixão. De novo, pensou no jovem ruivo e imaginou como seriam os seus filhos com ele.

Saiu do quarto, e a família já havia feito o desjejum; só ela ainda não o fizera. Sua boa mãe a deixara dormir até tarde.

A família havia saído, e a casa estava vazia. Verificou que o dia já estava mesmo adiantado e concluiu que havia perdido a missa. Sentiu-se um tanto culpada por isso, mas não demais, pois achava os longos sermões meio chatos.

Fez seu desjejum e, de repente, sentiu uma pontada no peito. Sozinha ali, na casa de sua família, experimentou uma solidão inexplicável, uma profunda melancolia.

Pareceu-lhe que aquela era sua nova realidade: sozinha, apartada de todos os que amava. Àquele pensamento, sentiu um arrepio e teve medo, sem saber a razão.

Ser temerosa não era de sua natureza. Ao contrário, sempre achava que o melhor ocorreria. Entretanto, em um átimo, sentiu-se imensamente só. Buscou se livrar daquele sentimento, sem muito sucesso.

Arrumou-se e decidiu passear. Lutava para retomar sua costumeira alegria, enquanto observava tudo com um ar de estranheza, como se fosse uma estrangeira. Pareceu-lhe que se despedia da aconchegante casa de sua família. Andou pelo jardim que cuidava com esmero e sentiu uma inexplicável vontade de chorar.

Estaria ficando louca? Nunca fora dada a pressentimentos e de repente sentia como se seu mundo fosse acabar. O que poderia ocorrer de tão grave?

A não ser... A não ser que o jovem ruivo estivesse mesmo em vias de pedi-la em casamento e o sentimento fosse o de que sua vida iria mudar de modo definitivo em razão disso.

Mas aí a mudança seria para melhor! Ah, como amava aquele rapaz tímido, alto e magro, que parecia sempre deslocado em sua presença. Tinha vontade de tranquilizá-lo, de incentivá-lo.

Sempre que possível, achava um modo de passar perto da propriedade da família do moço. Se dava sorte, para-va para conversar com ele, secretamente divertida em vê-lo tão constrangido.

Às vezes também se irritava um pouco: por que ele não criava coragem e se declarava? Ela não metia medo em ninguém, sabia disso. Nunca brigara na vida. O que de pior poderia ocorrer com o rapaz, caso lhe dirigisse alguns galanteios respeitosos? Que ela não correspondesse. Mas isso não seria o fim do mundo. Ele não seria o primeiro nem o último homem do mundo a encontrar alguma resistência ou mesmo a ter uma negativa. Mas ela não tencionava dizer não, de modo algum.

Tentou se confortar com aquele pensamento: seria pedida em casamento, e essa era a mudança que intuía pairando sobre seu destino. Passeou um pouco pelas cercanias da casa em que morava, lutando com um aperto no peito que a incomodava. Desgostosa consigo mesma, resolveu voltar e começar a preparar o almoço da família.

Matilde gostava de cozinhar. Depois de cuidar das crianças, era a sua ocupação favorita. Cozinhava bem melhor do que sua mãe, que lhe deixava essa parte das obrigações domésticas de bom grado.

Entreteve-se com as panelas, e, quando percebeu, sua família já estava de volta da igreja.

Matilde sentiu uma tristeza imensa ao ver seus pais e irmãs entrando na ampla cozinha. Controlou a custo a vontade de chorar, enquanto mirava a cada um com atenção, como se quisesse gravar a imagem da família na memória para sempre.

Seu inabitual mutismo chamou a atenção da mãe, que lhe indagou o que ocorria. Matilde desconversou e logo as atenções se desviaram para outro tema.

Após o almoço, Matilde continuava silenciosa, em uma atitude contemplativa de tudo o que a circundava.

Depois de um pequeno descanso, resolveu se dedicar ao seu passatempo favorito: divertir as crianças. Ela lhes contava histórias, que inventava com uma facilidade espantosa. Brincava com elas, andava pelo lugarejo todo, ora cantando, ora correndo, por vezes simplesmente apreciando a paisagem.

Matilde saiu e não demorou a encontrar a petizada que amava. Era quase um ritual: muitos meninos e meninas a esperavam sob as árvores frondosas que ficavam em frente à igreja.

Ela precisou se esforçar um pouco naquele dia, pois seu coração insistia em não participar do que deveria ser um instante de alegria. Entretanto, ao contato com as crianças, finalmente conseguiu superar aquele sentimento que a incomodava desde a manhã.

Após inventar algumas histórias e comandar várias brincadeiras, decidiu levar as crianças em um passeio em direção ao campo.

Era um espetáculo bonito de se ver. Matilde estava com um ar primaveril, com suas longas tranças louras, entremeadas de flores, rodeada de crianças, a quem conduzia em atitude de evidente carinho. Quem poderia resistir àquela imagem idílica?

Para melhorar o dia de Matilde, enquanto passeava, ela encontrou o rapaz de quem estava enamorada. Como era um dia de novidades, ele a mirou mostrando no semblante um ar decidido, completamente novo. Cumprimentou-a e perguntou se demoraria muito no passeio. Disse que gostaria de falar com ela, quando retornasse, e que a esperaria em frente à igreja.

Matilde recompensou essa coragem com um sorriso lumi-

noso e assegurou que não pretendia demorar muito. Foi com o coração cantando, completamente esquecida dos sentimentos tristes que havia experimentado de manhã, que Matilde continuou seu passeio.

Entretanto, não foi muito longe, pois prestou atenção a um movimento incomum na estrada que desembocava no pequeno lugarejo. Uma nuvem de pó se levantava, anunciando a presença de uma grande tropa de cavalos. Matilde sentiu um leve estremelecimento, mas cuidou de se colocar à parte com as crianças.

Finalmente, percebeu de que se tratava: eram soldados, era a cavalaria que avançava rapidamente e com estardalhaço. Ciente de que aquilo não prenunciava nada de bom, a jovem arrebanhou as crianças, com o intuito de conduzi-las à floresta.

As crianças estavam muito assustadas e obedeceram sem questionar, inclusive porque confiavam em Matilde.

Nisso, ela notou o semblante do homem que estava à frente da cavalaria e seu coração ficou pequeno. Sentia que conhecia aquele homem de algum lugar e tinha muito medo dele. Petrificada, Matilde ficou olhando a tropa que avançava e de repente seu olhar cruzou com o do temido comandante.

Um frio de gelo tomou conta do coração da jovem, que sentiu dificuldade para respirar e temeu desmaiar. Tomada de um pavor que jamais havia experimentado, pôs-se a correr conduzindo as crianças que a acompanhavam.

O cavaleiro que a observara de forma especial não titubeou e lançou-se a uma perseguição com objetivo específico: queria apanhar Matilde.

Agudamente ciente disso, ela entendeu que constituía um perigo para as crianças, perigo representado pelas patas do cavalo que se aproximava e também pelo cavaleiro que

o conduzia. Largou das mãos das crianças e gritou para que corressem, enquanto ela própria se lançava em louca correria, afastando-se dos pequeninos.

Lançando um olhar para trás, vislumbrou que o cavaleiro já estava perto demais, terrivelmente perto dela.

Seu pensamento se elevou em uma prece desesperada, rogando ao Criador que a socorresse, enquanto tentava fazer umas fintas, correr para o lado e voltar, na tentativa de lograr seu perseguidor.

Tudo foi em vão, pois logo ela se sentiu arrebatada por dois braços fortes, que a puxaram para cima do cavalo. Matilde gritou, enquanto grossas e quentes lágrimas rolavam por seu belo rosto.

Seu algoz gargalhava de alegria, parecendo encontrar um prazer especial naquela caçada e no desespero de sua vítima. Matilde se debatia em vão entre os braços daquele homem de uma força descomunal, tentando escapar.

Seguiu-se um tempo que lhe pareceu infinito, enquanto assistia, de posição tristemente privilegiada, ao estrago que era feito no vilarejo pela tropa ensandecida. Os homens pilharam quanto puderam, mataram muita gente, divertiram-se espalhando o terror naquele local habitualmente pacífico e ordeiro.

O comandante gritou para quem parecia secundá-lo na chefia do bando que iria se adiantar na retirada.

Gozando de uma felicidade terrível, a do predador que apanhou a presa esquiva, fez seu cavalo ganhar velocidade, conduzindo a carga preciosa. Matilde se debatia, embora já estivesse bem contundida, e também chorava sem parar. O comandante se divertia com aquilo.

- Pequena, não entendeu que não tem escapatória? Doravante, você é minha. Não a deixarei partir. Ninguém jamais foge de mim. Aceite isso.

A menina arfava de terror e nada respondia. O homem terrível gargalhava, como se o espetáculo do desespero daquela jovem indefesa lhe agradasse imensamente.

Exausta e ferida pelo aperto que recebia, que até dificultava sua respiração, Matilde desmaiou. Ao sentir o corpo pesado e inconsciente contra o seu, o comandante Arnoldo experimentou uma inquietação: será que a matara?

Mexeu um pouco com ela, notou que respirava com dificuldade e afrouxou o abraço. Percebendo que o desmaio não era fingimento, e também não temendo a fuga, pois já se afastavam bastante do vilarejo, pôs-se a observá-la de modo detido.

Reparou na delicadeza dos traços de Matilde, no recato de suas roupas, nas flores que ornamentavam suas tranças. Sentiu o cheiro bom que dela emanava. Recordou o modo como conduzia crianças pela mão, quando a vislumbrara de longe, antes que ela o visse.

Observou que o rosto da jovem estava lavado de lágrimas, que estava corada do esforço para se libertar. Ali, possivelmente pela primeira vez em sua vida, o insensível Arnoldo experimentou uma inexplicável onda de ternura. Por alguma razão que lhe escapava, de repente a carga que conduzia lhe pareceu imensamente preciosa.

Ele notou o inusitado do sentimento. Matilde não era de modo algum a primeira moça que raptava em suas andanças.

Em geral, tratava de violá-las sem demora, para satisfazer seu desejo bestial. Algumas deixava na beira da estrada, a chorar pelo ocorrido. Outras levava consigo um tempo para libertá-las quando se fartava de sua presença. Algumas, que o irritavam demais, terminava por oferecer à tropa, o que costumava representar para elas uma sentença de morte.

Entretanto, a ideia de violar Matilde desgostou-o profun-

damente. Em um átimo, entendeu que queria ser desejado por aquela menina.

Como era um homem muito caprichoso, não questionou muito aquele sentimento novo, pois considerava bom e justo tudo o que desejava. Fossem roubos, estupros, incêndios ou assassinatos, o comandante Arnaldo não questionava seus atos e desejos nem admitia que fossem questionados por alguém.

Registrou, claro, uma pequena surpresa com aquele desejo novo, aquela necessidade de cuidar da jovem a quem conduzia e fazer-se desejar por ela. Enquanto a conduzia, pensava: o que agradaria a rapariga? Era uma camponesa que, pelos trajas e pela compleição, não devia passar necessidade.

Não seria com boa comida que a seduziria. Talvez amasse joias, pois parecia gostar de se enfeitar. Ao pensar nisso, cheirou novamente os cabelos de Matilde, cheios de flores, e seu coração pulsou forte, de uma forma até dolorosa. Soltou uma imprecação e gargalhou, surpreso com tudo aquilo. Falou em voz alta:

- Com os diabos! Acho que encontrei diversão de primeira. Vou ter com que me ocupar por um bom tempo!

Dali a pouco, a tropa o alcançou, fazendo seu habitual alarido. Mais algumas moças haviam sido raptadas e seguiam chorando ao reboque dos insensíveis cavaleiros. Arnaldo sorriu ao ver o resultado do ataque.

Não fazia aquelas investidas em suas retiradas de retorno à própria casa por necessidade. Ao contrário, era bastante rico. Contudo, entendia que dinheiro nunca era demais e se divertia muito com as desgraças que causava. Achava que fazia bem ao espírito da tropa aquilo que considerava uma inocente diversão.

Esse era o homem que raptara a doce e alegre Matilde: insensível, cruel e egoísta ao extremo. Contudo, por alguma

razão, o comandante Arnaldo experimentava um agudo sentimento de ternura pela jovem. O que aquilo prenunciaria?

A cada instante, Arnaldo experimentava o desejo de se certificar de que Matilde continuava respirando.

Ele a examinava atentamente, como se quisesse registrar bem sua imagem na mente. Tinha uma sensação estranha de reencontro. Buscava em sua mente a imagem de alguma mulher que parecesse com ela, algo inquieto. Estava convencido de que já vira alguém muito semelhante àquela menina, em algum momento. Só podia ser isso. Aquela sensação de proximidade, aquele desejo absolutamente novo de cuidar. Aquilo deveria ter uma explicação, que ele buscava.

Não era um homem de crises de consciência, mas o sentimento que brotava em seu peito era novo e forte demais para ser ignorado. Inquieto a contragosto, embora também contente pela conquista que fizera, angustiava-se pela demora de Matilde em recobrar a consciência.

